

MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA
MISSION ARCHÉOLOGIQUE FRANÇAISE AU PORTUGAL

LES AMPHORES LUSITANIENNES
Typologie, Production, Commerce

Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga
les 13 et 14 Octobre 1988
Edités par A. ALARCÃO et F. MAYET

*Avec le concours de
la Direction Générale des Relations Culturelles, Scientifiques et Techniques
au Ministère des Affaires Etrangères (Paris)
l'Institut Portugais du Patrimoine Culturel (Lisbonne)*

DÉPOSITAIRES : MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA (Portugal)
Diffusion E. DE BOCCARD
11 rue de Médicis (75006 Paris)
1990

ÂNFORAS DA QUINTA DO LAGO (LOULÉ)

Ana Margarida ARRUDA e Carlos FABIÃO

O sítio arqueológico da Quinta do Lago situa-se no litoral algarvio, implantando-se em aluviões holocénicos de baixa altitude (8 m). Tem a Sul o Esteiro do Ancão e a Este o Esteiro de Maria Nova, distando apenas 1.600 m da actual linha de costa.

Localiza-se no Distrito de Faro, Concelho de Loulé, coordenadas 6.6/211.3 GAUSS, na folha 610 da Carta Militar Portuguesa, 1 : 25.000.

Foi identificado por Victor Gonçalves e pela equipa da UNIARCH (Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa), em 1984, que aí se deslocou a pedido da empresa Planal, proprietária dos terrenos em que se situa o sítio arqueológico. As obras de construção de um campo de golfe puseram a descoberto restos de estruturas e materiais arqueológicos, tendo destruído uma boa parte da estação. Era pois necessário avaliar a extensão da ocupação humana, e proceder a trabalhos de salvamento em áreas de futuros lotes para urbanização.

Um acordo entre a direcção da UNIARCH e a referida empresa, veio possibilitar a realização de trabalhos arqueológicos em continuidade desde Outubro de 1984 a Julho de 1986.

Tais trabalhos viriam a revelar uma ocupação humana extensa no tempo, mais exactamente desde o século I ao século IX, e permitiram a identificação de estruturas habitacionais e industriais romanas e estruturas habitacionais com uma necrópole associada muçulmanas. Desde já devemos realçar que a ocupação muçulmana e romana nunca se sobrepõem, e que as estruturas de ambos os períodos se localizam em áreas distintas, mas próximas (cerca de 250 m).

O estudo do sítio está em curso, tendo em vista a publicação integral dos resultados. Daremos aqui apenas notícia do material anfórico produzido localmente assim como das estruturas que com ele se relacionam.

À Maria José Secueira agradecemos a atinagem das pranchas de desenhos.

1. — Estruturas e parâmetros cronológicos.

A instalação de populações no sítio da Quinta do Lago pode remontar aos inícios do século I d.C. apesar de ser escasso o espólio com esta datação e de nenhuma das estruturas identificadas poder relacionar-se seguramente com essa ocupação. O aparecimento, em níveis revolvidos, de 3 fragmentos de ânforas pertencentes a Peacock-Williams Classe 10¹ (= Dressel 2-4), sugere claramente uma ocupação do início do império.

Mas foi só no 3º quartel do século I que o sítio viria a adquirir importância como centro produtor e presumivelmente "exportador" de preparados piscícolas, permanecendo em actividade até ao final da ocupação romana no século V.

Várias estruturas pertencentes à ocupação da 2ª metade do século I foram identificadas. A melhor conservada é uma fábrica de preparados piscícolas, sendo as outras restos de muros muito danificados pelas construções e reaproveitamentos do século III.

Da fábrica, se bem que destruída em altura, é possível a definição da sua planta, (fig.57) que é rectangular com 14, 20 m de comprimento por 4,80 m de largura, sendo a sua orientação E/O.

É constituída por cinco tanques revestidos por *opus signinum* com ângulos internos em meia cana convexa. Organiza-se em dois grupos de dois tanques cada, mais um de maiores dimensões.

Os dois grupos de dois tanques são separados entre si por uma parede de 76 cm de espessura e a distância em relação ao tanque grande é igualmente de 76 cm.

Os tanques são rectangulares, medindo 3,30 m x 1,60 m e 3,70 x 2,70 m. São escavados na rocha e têm uma profundidade actual variando entre 1,50 m e 0,72 m.

Este núcleo de cinco tanques, que se constitui em unidade, é limitado por uma parede, apenas conservada junto ao tanque maior, relativamente espessa (82 cm), sendo construída com calhaus rolados ligados por argila. São ainda visíveis, a Este, restos de dois pilares construídos com tijoleiras rectangulares nos intervalos dos três núcleos da fábrica e que sustentariam a cobertura de *tegulae* e *imbrices*.

A fábrica é entulhada a partir de meados do século III, a avaliar pela cronologia do espólio encontrado no interior dos tanques, sendo de presumir que deverá ter sido desactivada pouco antes desta data.

É neste momento que se verifica a construção de dois pequenos tanques a 16 m a N. da fábrica anteriormente descrita. Um terceiro teria sido destruído pela construção do campo de golfe. Estes pequenos tanques, de planta rectangular, com 1,82 m de comprimento por 0,94 m de largura, são revestidos por *opus signinum* com ângulos internos em meia cana. Não se enquadram dentro de nenhuma estrutura mais ampla surgindo isolados e sem aparente ligação entre si.

1. Neste trabalho optámos pela classificação proposta por D.P.S. PEACOCK e D.F. WILLIAMS, *Amphorae and the roman economy: an introductory guide*, Londres - New York, 1986, mantendo sempre, entre parêntesis, as equivalências das outras tipologias. No entanto, não nos parecendo correcta a distinção que estes autores estabelecem entre as ânforas da Classe 20 e da Classe 21, referimo-nos a elas com a designação de Classe 20/21.

Estas estruturas terão estado em funcionamento até meados do século V.

É desta fase que data a maior parte do espólio recolhido na Quinta do Lago e deste devemos destacar a presença maciça de ânforas da Classe 23 (= Almagro 51c).

A ocupação deste sítio arqueológico parece não ter sofrido qualquer hiato durante a ocupação romana, supondo-se, contudo, que possa ter havido uma fase de maior intensidade nessa ocupação entre os meados do século III e os fins do século IV.

2. – A produção de ânforas na Quinta do Lago.

a) *A evidência arqueológica da produção.*

Desde o início dos trabalhos de campo era notória a presença abundantíssima de fragmentos (mais de 5.000) de ânforas pertencentes à Classe 23 (= Almagro 51c). Cedo, portanto, se avançou a hipótese da existência de um centro produtor local desta Classe.

As evidências arqueológicas dessa produção viriam a surgir com o aparecimento de vários fragmentos de bordos e fundos recozidos, muitos dos quais vitrificados, de ânforas deformadas por acidente de cozedura e mesmo de blocos de fragmentos cerâmicos colados por refusão, onde se percebiam elementos dessa Classe.

Se bem que distribuídos um pouco por todos os quadrados escavados no local onde se implanta a ocupação romana, duas concentrações de ânforas da Classe 23 surgiram com grande nitidez, distando entre si 52 m. Aqui se identificaram 82% da totalidade de fragmentos recolhidos sendo também onde surgem os elementos alterados por cozedura deficiente. Estes dados permitem-nos avançar a hipótese da existência de dois fornos.

Lamentavelmente um dos fornos deverá situar-se já na propriedade da Quinta do Lago onde não foi possível a realização de trabalhos arqueológicos por não termos obtido a necessária autorização do proprietário. O outro localizar-se-ia na área terraplanada pelas retroescavadoras para a construção do campo de golfe.

O fabrico local de ânforas da classe 22 (= Almagro 50) e da Classe 20/21 (= Dressel 14 = Beltrán IV) foi igualmente constatado.

b) *As produções da Quinta do Lago.*

As produções anfóricas da Quinta do Lago distribuem-se por três Classes : Classe 20/21 (= Dressel 14 = Beltrán IV); uma variante da Classe 22 (= Almagro 50), que não é susceptível de se enquadrar em nenhum dos subtipos que S. Keay individualizou² (1984, p. 149); e Classe 23 (= Almagro 51 c = Keay XXIII) exclusivamente a variante de asas curtas e ombro levantado, correspondente à típica forma das necrópoles de Ampúrias³.

Podem identificar-se dois fabricos diferenciados, por análise macroscópica, entre estas produções: o primeiro caracteriza-se por uma pasta bastante compacta,

2. S.J. KEAY, *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the catalan evidence* (BAR, Int. Ser., 196), Oxford, 1984, p. 149.

3. M. ALMAGRO, *Las necrópolis de Ampurias* (Monografías ampuritanas, 3), II, Barcelona, 1955, (= ALMAGRO), p. 295, fig. 289.

apresentando, no entanto, algumas fendas tubulares resultantes da combustão de elementos vegetais utilizados na sua composição; patenteia numerosos componentes não plásticos de que se destacam os quartzos, brancos e cinzentos, rolados e semi-rolados, de grandes dimensões, podendo atingir os 4 mm; numerosas inclusões de argila cozida de idênticas dimensões; areias bem calibradas, com quartzito e xisto (?); fragmentos de conchas trituradas e elementos ferruginosos (?).

A coloração é homogênea, vermelha clara (Munsell 10 R 6/8), apresentando engobe em ambas as superfícies, fino e muito aderente, fazendo corpo com a pasta de coloração castanha muito clara (Munsell 10 YR 8/3) = fabrico nº 1.

Este fabrico é comum a todos os fragmentos enquadráveis na Classe 20/21, em alguns fragmentos da Classe 22 e em vários fragmentos da Classe 23.

O segundo fabrico, minoritariamente representado, apresenta pastas com as mesmas características que o anterior, mas muito mais granulosas, com maior quantidade de elementos não plásticos; as peças pertencentes a este grupo apresentam, ainda, um engobe mais espesso de coloração branca (Munsell 2.5 Y 8/2) que não faz corpo com a pasta = fabrico nº 2. É comum a alguns exemplares da Classe 23 e da Classe 22.

CLASSE 20/21 (= Dressel 14 = Beltrán IV)

Apresentam-se aqui nove fragmentos de lábio, com arranque de colo, de evidente fabrico local. Os nºs 218, 315 e 685 apresentam-se recozidos, com superfícies de coloração amarelo claro (Munsell 5 Y 7/3) ou cinzenta (Munsell 5 Y 5/1) típicas da recozedura destes fornos (ver materiais da estampa nº 6). Os restantes patenteiam todos pastas do grupo 1.

Apresentam lábios muito característicos, quase indiferenciados em relação ao colo, de secção arredondada. No colo apresentam estrias bem marcadas na fase externa. A espessura das paredes varia entre 1,2 cm e os 2 cm, na zona do colo.

Foi, ainda, recolhido um exemplar desta Classe (nº 700) que, embora apresente grandes afinidades morfológicas, parece tratar-se de um fabrico não local, de pasta mais depurada, com abundantes palhetas de mica de grandes dimensões, podendo atingir 2 mm (peça não desenhada).

CATÁLOGO (fig.58)

218. Fragmento de lábio com arranque de colo. O lábio é indiferenciado, apenas levemente extrovertido. Apresenta-se recozido.
Diâmetro exterior do lábio (= DEL) : 14,8 cm.
Diâmetro mínimo interno do colo (= DmIC) : 9,6.
315. *Idem*. Apresenta-se também recozido.
DEL : 14,8 cm; DmIC : 11,2 cm.
685. *Idem*. DEL : 16,4 cm; DmIC : 9,6 cm.
204. *Idem*. Lábio arredondado com estria funda bem marcada no colo que é bicônico.
DEL : 15,2 cm; DmIC : 8,8 cm.
285. *Idem*. de características semelhantes ao anterior.
DEL : 15,4 cm; DmIC : 9,5 cm.
291. *Idem*.
DEL : 15,6 cm; DmIC : 9,6 cm.
294. *Idem*. Apresenta no colo uma estria bem marcada, constituindo um pequeno ressalto no perfil do mesmo.

DEL : 15,2 cm; DmIC : 9,6 cm.

299. *Idem.* Apresenta no colo uma estria marcada.

DEL : 16,8 cm; DmIC : 11,2 cm.

313. *Idem.*

DEL : 18 cm; DmIC : 12,8 cm.

CLASSE 22 (= Almagro 50).

Esta variante da Classe 22 apresenta características morfológicas semelhantes à típica Almagro 50 (= Keay XXII) apresentando porém dimensões inferiores, com paredes pouco espessas, oscilando entre os 0,5 cm e 1 cm, lábios maioritariamente estreitos, indiferenciados, marcados apenas por um espessamento, ou salientes de secção triangular; as asas, de secção circular, pouco espessas, partem do lábio para se fixarem na parte superior do corpo; o colo é inexistente limitando-se a um estrangulamento. Não sabemos se os corpos seriam cilíndricos ou piriformes (com o maior diâmetro na metade inferior).

Recolheram-se oito fragmentos desta Classe havendo ainda a registar um nono, inegavelmente importado (nº 209), isto é de fabrico não local. Dois fragmentos – nºs 201 e 214 – apresentam as características do fabrico 2, sendo os restantes integráveis no fabrico 1.

CATÁLOGO (fig.59)

201. Fragmento de lábio, com arranque de asa e início de corpo de ânfora pertencente ao fabrico 2. O lábio é indiferenciado.

DEL : 15,6 cm; DmIC : 11,2.

214. *Idem*, pertencente ao fabrico 2

DEL : 15,2 cm; DmIC : 9,6 cm; Diâm : da asa (DA) : 2,8 cm.

238. *Idem*, pertencente ao fabrico 1.

DEL : 16 cm; DmIC : 9,2 cm.

277. *Idem*, pertencente ao fabrico 1. Apresenta um lábio apontado, de secção triangular e uma canelura larga no arranque do corpo.

DEL : 14,8 cm; DmIC : 8 cm; DA : 2,8 cm.

323. *Idem*, pertencente ao fabrico 1. Apresenta o lábio apenas espessado, indiferenciado.

DEL : 15,2 cm; DmIC : 8,8 cm.

330. *Idem*, pertencente ao fabrico 1. Pelo fragmento não é possível determinar se o lábio era apenas espessado ou triangular apontado.

DEL : 13,2 cm; DmIC : 8,8 cm; DA : 2,8 cm.

354. *Idem*, pertencente ao fabrico 1. Fragmento de lábio espessado indiferenciado.

DEL : 14 cm; DmIC : 8 cm.

493. *Idem*, de fabrico e características morfológicas idênticos ao anterior.

DEL : 15,2 cm; DmIC : 8,8 cm.

209. Fragmento de bordo e arranque de colo de ânfora da mesma Classe. A coloração da pasta e engobe são muito semelhantes a alguns exemplares de fabrico local, mas apresenta uma pasta que, sendo análoga, se distingue por uma extraordinária abundância de elementos ferruginosos que podem atingir os 2 mm. O lábio é apontado, de secção triangular.

DEL : 15,2 cm; DmIC : 8 cm.

CLASSE 23 (= Almagro 51c)

As ânforas produzidas em maior quantidade na Quinta do Lago foram indubitavelmente as da Classe 23 de que se recolheram não só abundantes vestígios de

peças deformadas por acidentes de cozedura, como também um total de mais de cinco mil fragmentos, entre colos com lábio, asas e bicos fundeiros.

Todas as produções desta classe pertencem à variante típica, identificada por Almagro nas necrópoles tardias de Ampurias - inumação nº 21 de Estruch⁴ ao contrário do que acontece por exemplo no Vale do Sado onde parecem ter sido produzidas, paralelamente, as duas principais variantes desta Classe.

As ânforas da Quinta do Lago apresentam lábios baixos, semi-circulares ou tendendo para o triangular – as variações registadas na morfologia do lábio não parecem possuir relevância tipológica. As asas são curtas, apresentando um sulco longitudinal marcado, arrancando do lábio para se unirem à parte superior do corpo; o ombro é elevado. Embora não existam evidências inquestionáveis nesse sentido, o corpo deveria ser piriforme, com o maior diâmetro na metade inferior, com um fundo rematado por um bico curto e cilíndrico, maciço.

O grosso das produções enquadra-se no fabrico 1, embora alguns exemplares pertençam ao fabrico 2.

CATÁLOGO (figs.60 e 61)

35. Fragmento de bocal de ânfora, com asa, colo e parte superior do corpo. Pertence aparentemente, ao fabrico 1, embora tenha sofrido uma cozedura exagerada que lhe alterou a cor da pasta e da superfície.
Apresenta um lábio de perfil arredondado, com encaixe para opérculo, no interior. As asas fazem corpo com o lábio, mas ligam-se à parte inferior do mesmo.
DEL : 10,4 cm; DmIC : 4 cm; Dimensões da asa (DA) : 3,6 x 1,6 cm; Altura do lábio (HL) : 2 cm; Altura do colo (HC) : 7,2 cm; Altura da asa (HA) : 9,6 cm.
36. *Idem.* Fabrico 2. Apresenta um sulco a marcar a junção do colo ao corpo.
DEL : 12,3 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 2 cm; HL : 1,6 cm; HC : 7,6 cm; HA : 10 cm.
37. *Idem.* Fabrico 1. Apresenta um sulco exterior no colo.
DEL : 9,6 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4,4 x 2 cm; HL : 1,6 cm; HC : 7,2 cm; HA : 11,2 cm.
38. *Idem.*, mas de lábio mais estreito. A asa faz corpo com ele partindo do seu topo. Fabrico 1.
DEL : 9,6 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4,4 x 1,6 cm; HL : 0,8 cm; HC : 8,8 cm; HA : 11,6 cm.
39. *Idem.* Fabrico 1.
DEL : 10,8 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4,4 x 1,6 cm; HL : 2,4 cm; HC : 6,8 cm; HA : 10,8 cm.
40. *Idem.* Fabrico 1. Apresenta-se muito rodada por ter estado submersa.
DEL : 10 cm; DmIC : 4 cm; HL : 2,8 cm; HC : 7,2 cm.
41. *Idem.* Fabrico 1. Esteve igualmente submersa.
DEL : 9,6 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 2 cm; HL : 1,6 cm.
42. *Idem.* Fabrico 1. Esteve igualmente submersa.
DEL : 10 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4,4 x 1,6 cm; HL : 2 cm; HC : 5,6 cm; HA : 11,2 cm.
43. *Idem.* Fabrico 2. Foi sujeita a recozimento, que lhe escureceu completamente a pasta (cinzenta muito escura, Munsell 5Y 3/1) e alterou a cor da superfície exterior (amarelo claro Munsell 5Y 7/3).
DEL : 9,2 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 1,6 cm; HL : 1,6 cm; HC : 7,6; HA : 9,6 cm.
44. *Idem.* Fabrico 1.
DEL : 8,4 cm; DmIC : 4 cm; DA : 3,6 x 1,6 cm; HL : 1,2 cm; HC : 6,4 cm; HA : 10 cm.
45. *Idem.* Fabrico 1. Esteve submersa.
BEL : 9,2 cm; DmIC : 4,8 cm; HL : 1,6 cm.
46. *Idem.* Fabrico 1.
DEL : 10,4 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4,4 x 1,6 cm; HL : 2,4 cm; HA : 11,2 cm.

4. *Id., ibid.*, p. 295, fig. 289.

213. *Idem.* Fabrico 1. Apresenta significativo desgaste das superfícies por ter estado submersa, sendo visíveis, no entanto, três estrias bem marcadas, duas na base do colo e outra no corpo, na zona do encaixe das asas.
DEL : 8,8 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 1,2 cm; Diâmetro máximo do corpo (DMC) : 24,8 cm; HL : 1,6 cm; IIC : 6,4 cm; IIA : 9,6 cm.
215. *Idem.* Fabrico 2.
DEL : 10,4 cm; DmIC : 5,6 cm; DA : 4 x 2 cm; DMC : 28 cm; HL : 1,2 cm; IIC : 8 cm; IIA : 12 cm.
320. *Idem.* Fabrico 2. Apresenta significativo desgaste por ter estado submersa.
DEL : 8,8 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 1,2 cm; HL : 2 cm; HC : 8,4 cm; IIA : 12 cm.
328. *Idem.* Fabrico 1. Apresenta sobre o colo dois sulcos bem marcados.
DEL : 9,6 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4,8 x 2 cm; HL : 2 cm; HC : 8,8 cm; IIA : 10,8 cm
329. *Idem.* Fabrico 1. Patenteia o desgaste típico por ter estado submersa.
DEL : 10,4 cm; DmIC : 4 cm; DA : 4 x 2 cm; HL : 1,2 cm; IIC : 8 cm; IIA : 10,4 cm
333. *Idem.* Fabrico 2.
DEL : 10 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4 x 2 cm; HL : 2 cm
334. *Idem.* Fabrico 1. Ostenta dois sulcos na parede exterior do colo.
DEL : 10 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4,4 x 2 cm; HL : 1,6 cm; IIC : 7,2 cm; IIA : 10 cm
338. *Idem.* Fabrico 2. Apresenta um sulco na parede exterior do colo na zona de ligação ao corpo.
DEL : 11,6 cm; DmIC : 4,8 cm; DA : 4,6 cm; HL : 2 cm; IIC : 7,6 cm; IIA : 10,4 cm.

Apesar da existência da produção local de ânforas da Classe 23, foi recolhido um exemplar de clara importação (nº 335).

Para além de apresentar o encaixe da asa na parte superior do colo, abaixo do lábio – pormenor que nunca se verifica nas ânforas desta Classe fabricadas na Quinta do Lago – apresenta uma pasta granulosa, com muitas fendas, partículas arenosas negras e uma extraordinária abundância de palhetas de mica que podem atingir os 2 mm. Apresenta uma coloração homogênea, nas paredes exteriores, castanho claro (Munsell 10 YR 6/3), com núcleo mais escuro, vermelho (Munsell 2,5 YR 5/6).

335. Fragmento de lábio, com arranque de asa e início de colo de ânfora da classe 23 de produção não local.
DEL : 13,2 cm; DmIC : 3,2 cm.

3. – As ânforas da Quinta do Lago no contexto da produção e exportação de preparados piscícolas.

Comentários de diversa ordem são agora possíveis, tendo em consideração os dados obtidos e atrás enumerados.

O primeiro facto relevante é, evidentemente, o das produções anfóricas da Quinta do Lago não se afastarem do quadro já conhecido para a Lusitânia.

Tal como acontece noutros centros produtores, nomeadamente os dos Vales do Tejo e Sado, ficou clara a associação da produção de ânforas à produção de preparados piscícolas.

Outras evidências, de carácter mais restrito, foram igualmente verificadas. Constatou-se que em meados do século III a área fabril da Quinta do Lago sofre profundas reestruturações. Uma fábrica de preparados piscícolas construída no 3º quartel do século I, composta por tanques de dimensões razoáveis (3,30 x 1,60 m), é abandonada e entulhada sendo substituída por pequenos tanques (1,82 x 0,94 m) sem aparente conexão entre si.

A reestruturação das unidades fabris entre o século III e o século IV é bem conhecida na Lusitânia, nomeadamente no seu espaço hoje português, tendo sido verificada na Travessa de Frei Gaspar, em Setúbal, onde tanques de uma fábrica anterior são divididos em dois, nos finais do século IV ou inícios do V⁵.

Também nas estações do Norte de África, idêntica situação se verifica. Lixus e Tahadart alteram, na segunda metade do século III, a estrutura das fábricas de preparados piscícolas, reduzindo as dimensões das cetárias. Permanecem em funcionamento até ao século V e meados do século IV, respectivamente⁶.

Por outro lado, os estabelecimentos congéneres de Kuass, Cotta, Sahara e Alcacer Seguer, não se reestruturam, findam as suas actividades produtivas nos meados do século III⁷.

Unidades fabris constituídas por tanques de reduzidas dimensões parecem, pois, tornar-se habituais a partir do século III. Para além das evidências já referidas outros dados confirmam esta tendência. Em Roses, uma fábrica de preparados piscícolas foi construída nos finais do século IV ou nos inícios do V e era constituída por cinco pequenas cetárias, quadradas, de 1,65 m de lado⁸.

Gostaríamos de realçar aqui de novo o facto de na Quinta do Lago, nos entulhos dos tanques da fábrica do século I, surgirem com abundância restos das cozeduras de ânforas da Classe 23 (= Almagro 51c).

Admitimos, assim, como hipótese altamente provável que em meados do século III um novo produto piscícola, que deveria ser líquido, a avaliar pelos diâmetros internos dos colos observados nas ânforas da Classe 23, faz a sua entrada no mercado. Não excluimos, no entanto, a possibilidade de que, existindo já o fabrico deste produto este se tenha intensificado nesta época, em detrimento de outros. Teria sido este produto piscícola, líquido ou colóide, que implicou alterações significativas tanto nas dimensões dos tanques como na morfologia das ânforas destinadas ao seu armazenamento e transporte.

Uma última questão que importa colocar, diz respeito à organização da produção do *garum* e outros preparados piscícolas na Lusitânia e ao modelo que Edmondson recentemente propôs sobre essa organização⁹.

5. C.T. SILVA, A.C. SOARES e J. SOARES, Fábrica de salga de época romana da Travessa Frei Gaspar (Setúbal), *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*, Lisboa, 1986, p.155-160.

6. M. PONSICH e M. TARRADELL, *Garum et industries antiques de salaison dans la Méditerranée occidentale*, Paris, 1965.

7. *Id.*, *ibid.*

8. J.M. NOLLA e F.J. NIETO, Una factoría de salaó de peix a Roses, *Fonaments*, 3, 1982, p. 189-200.

9. J.C. EDMONDSON, *Two industries in Roman Lusitania. Mining and Garum production* (BAR, Int. Ser., 362), Oxford, 1987.

O investigador britânico constata as evidentes diferenças que se verificam entre os sítios produtores do litoral algarvio e os dos vales do Tejo e Sado, nomeadamente Tróia, sugerindo que a indústria dos preparados piscícolas no Algarve, em sua opinião quase sempre associada a *villae*, o que não é líquido, não é mais que uma produção subsidiária da actividade económica fundamental desses sítios, a agricultura. Assim, não seria sequer legítimo falar de uma indústria de salga no Algarve, cabendo esta designação apenas ao vale do Sado e talvez ao vale do Tejo (*idem*, p. 135), defendendo que o *garum* e outros produtos de origem piscícola, produzidos, sazonalmente, nas fábricas algarvias, se destinavam a consumos locais e nunca à exportação.

Edmondson que se baseia, fundamentalmente, nos dados arqueológicos disponíveis em 1987, (nem sempre lidos correctamente, como se pode verificar pela inexactidão de algumas localizações) não pôde deixar de notar que a produção algarvia para além de intimamente relacionada com sítios de cariz rural, contrastando com a localização urbana da instalação das fábricas dos vales do Tejo e Sado, se processa numa muito menor escala.

Sendo tentadora, a proposta de Edmondson merece-nos, no entanto, alguns comentários.

Na Quinta do Lago, a produção de preparados piscícolas está directamente associada à produção de ânforas. Se efectivamente se tratasse de um consumo exclusivamente local não cremos que faça muito sentido esta última produção, já que as ânforas não são os contentores que melhor sirvam ao armazenamento. Uma vertente "exportadora" será, pelo contrário, mais plausível.

Também o aparecimento na Quinta do Lago, em quantidades razoáveis, de ânforas oleárias da Bética e do Norte de África são outro dado a reter quanto ao carácter não exclusivamente agrícola de alguns sítios algarvios. Curiosamente, as mesmas presenças em Tróia produzem em Edmondson idênticas conclusões.

Parece-nos igualmente de realçar a implantação do sítio arqueológico da Quinta do Lago em aluviões holocénicos, rodeados das areias plistocénicas de Faro/Quarteira¹⁰, implantação essa que não encoraja (tal como para Tróia defende Edmondson) o cultivo de cereais.

Pensamos, assim, que são interessantes, mas porventura demasiado generalizadoras, as propostas de Edmondson. Entretanto, esperamos que os novos trabalhos que se vão desenvolvendo no litoral algarvio possam trazer dados que permitam um maior esclarecimento sobre a produção e presumível exportação de preparados piscícolas desta região.

Résumé. – Le site de Quinta do Lago (Loulé, district de Faro) en Algarve a produit des salaisons de poisson de la fin du I^{er} au V^e siècle. Une usine, avec cinq bassins, présente un réaménagement datable du milieu du III^e siècle et semble avoir connu une plus grande activité à partir de cette date.

Les auteurs n'ont localisé qu'un seul four mais ils sont persuadés qu'il y en avait d'autres. Les productions correspondent à l'amphore Dressel 14 (Classe 20/21), à une

10. *Carta Geológica de Portugal*, folha 53 A, Faro : Serviços Geológicos de Portugal, 1985.

variante de l'amphore Almagro 50 (Classe 22), différente des deux sous-types distingués par S. Keay, et surtout à l'amphore Almagro 51 c (Classe 23). Cette dernière constitue la plus grande partie du matériel amphorique recueilli et correspond à la variante trouvée dans les nécropoles d'Ampurias.

L'analyse macroscopique a permis d'identifier deux types de fabrication, le premier se rencontrant dans les trois types d'amphores rencontrées, le second, plus rare, dans les classes 22 et 23 seulement.

On trouve donc, en Algarve, la même association amphores/bassins à salaisons de poisson, avec les mêmes types d'amphores que dans le reste de la Lusitanie. Les auteurs insistent sur l'importance du renouvellement des structures industrielles aux III^e et IV^e siècles, avec l'entrée probable sur le marché d'un produit liquide dérivé du poisson. Si ces productions sont liées à une villa, elles n'en sont pas moins destinées à l'exportation, comme celles de Tróia par exemple.

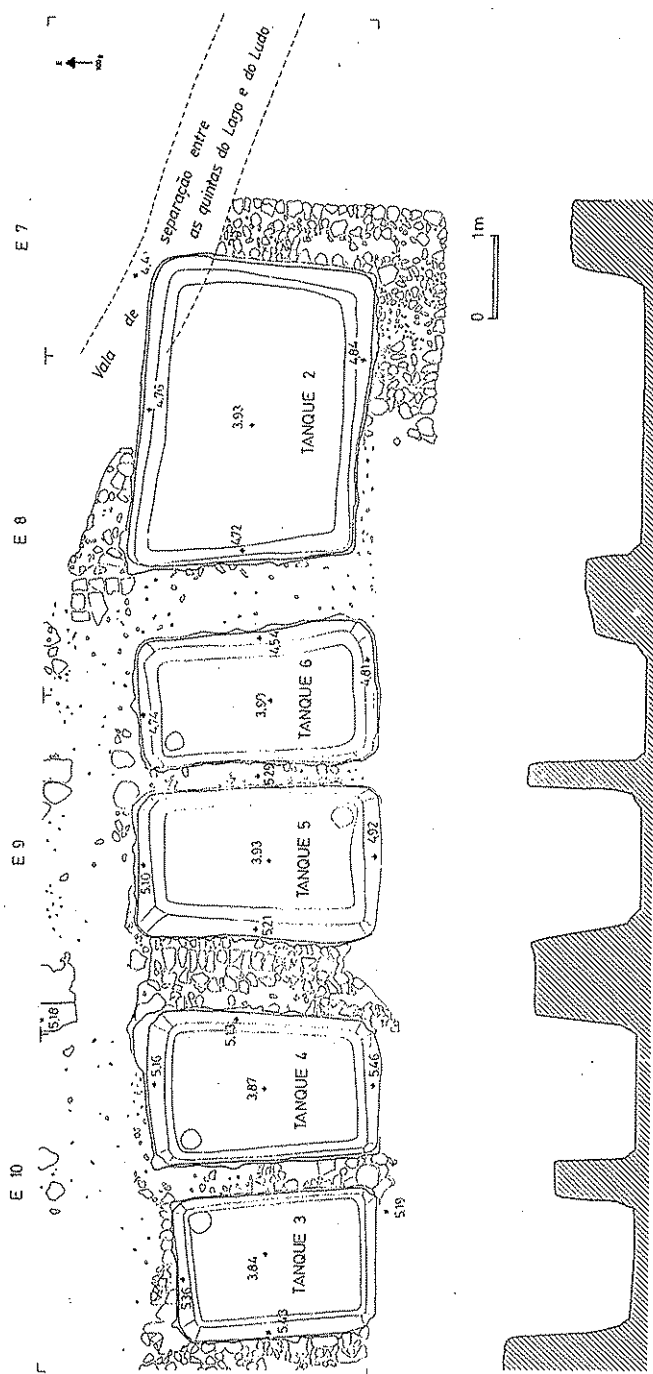


Fig. 57. — Planta e corte dos tanques de salga.

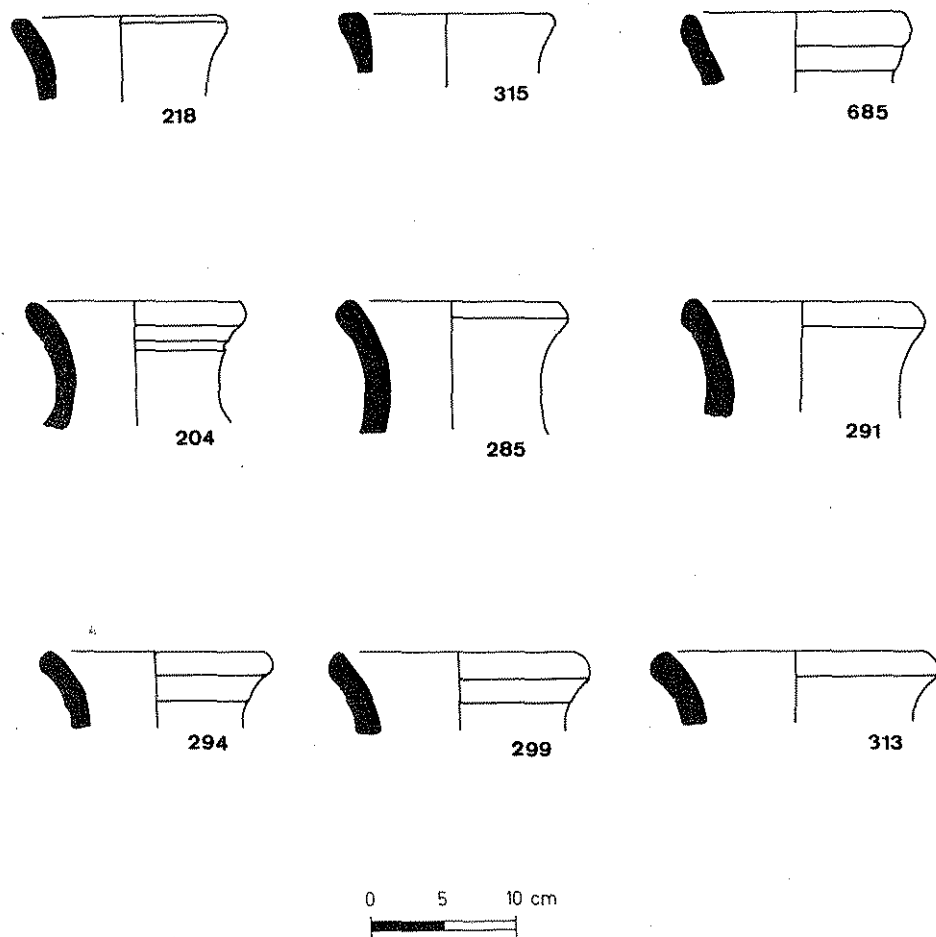


Fig. 58. — Bocais de ânforas (Classe 20/21) de fabrico local.

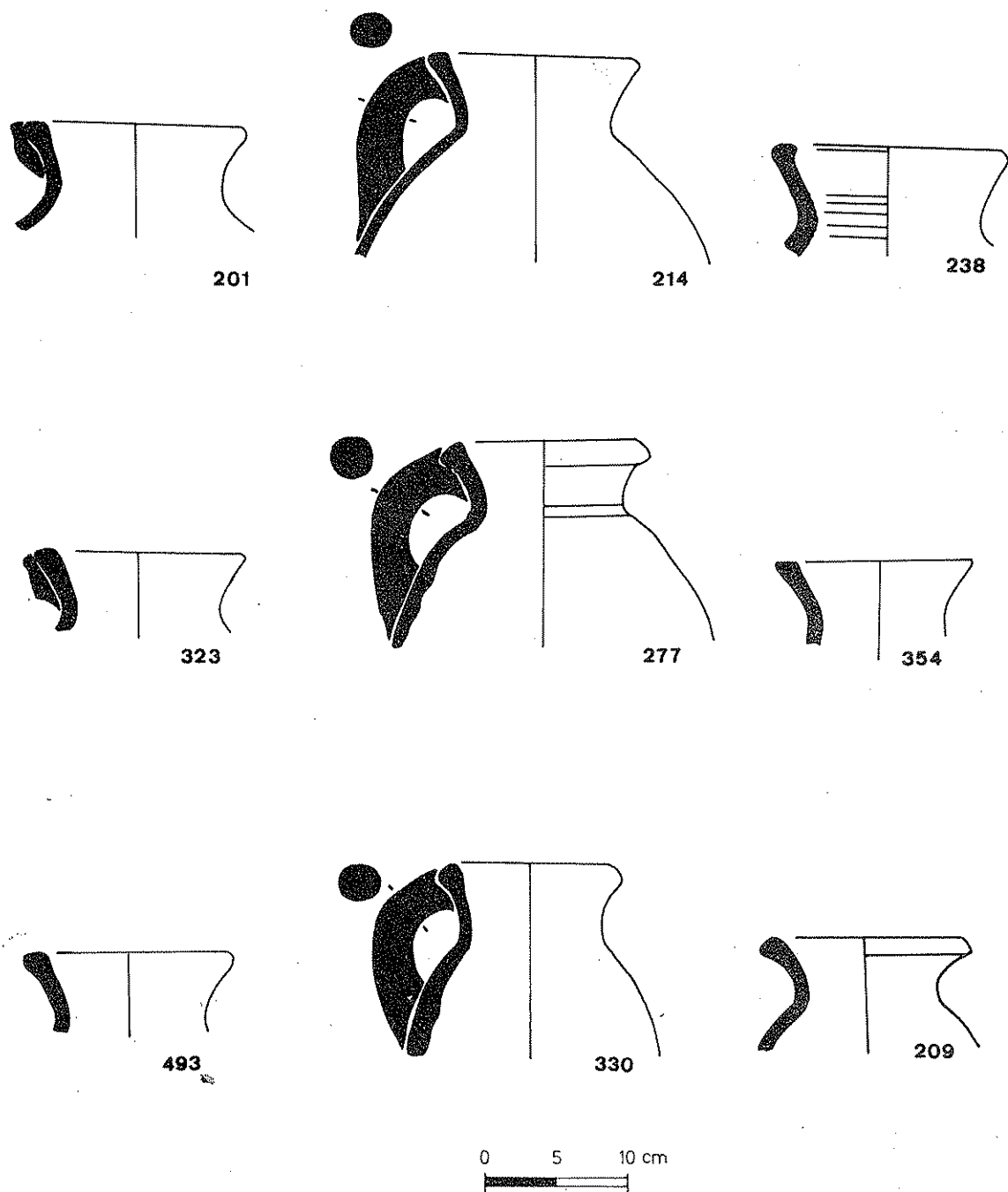


Fig. 59. – Fragmentos de ânforas (Classe 22); são de fabrico local, à excepção do nº 209.

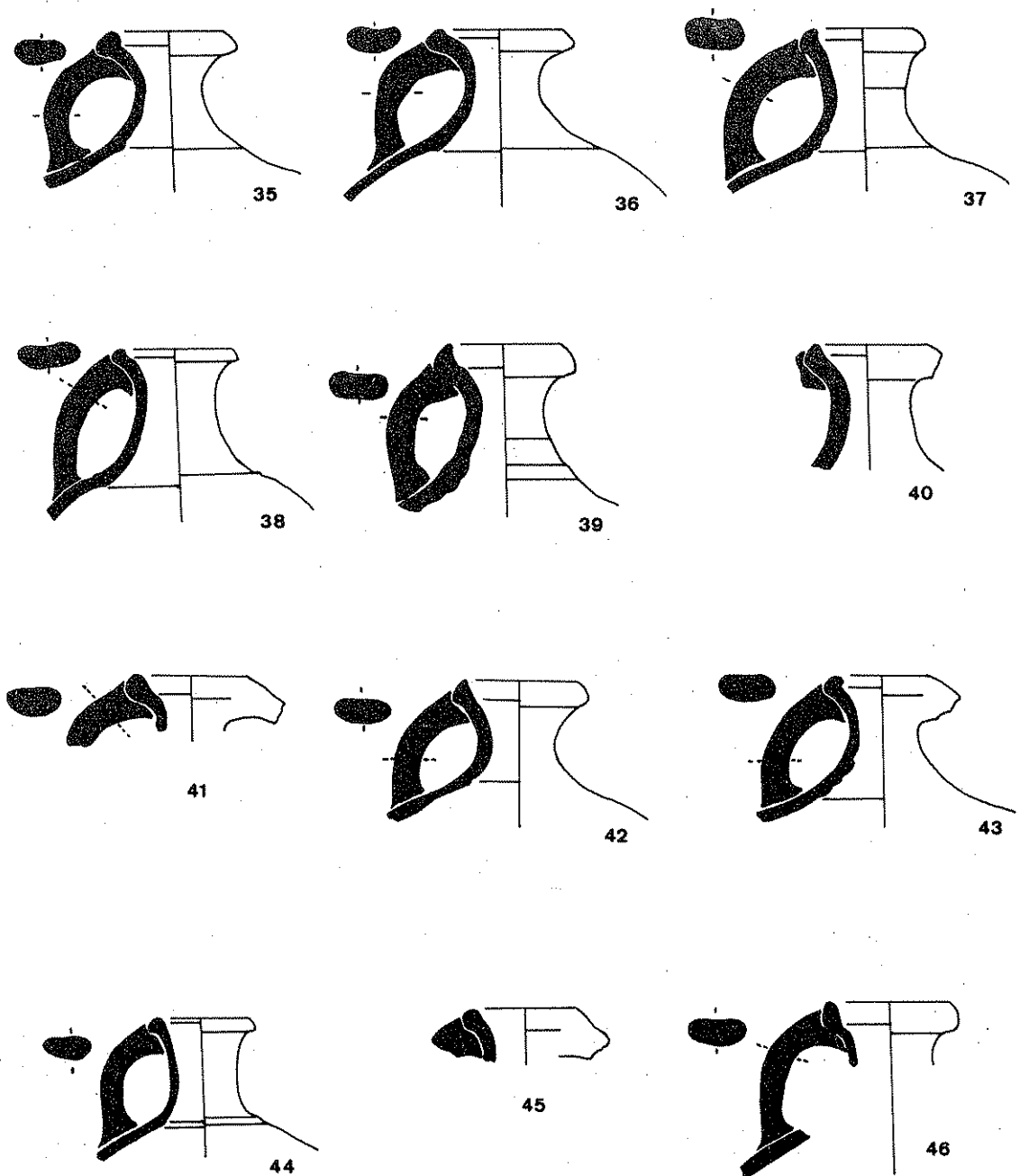


Fig. 60. – Fragmentos de ânforas (Classe 23) de fabrico local.

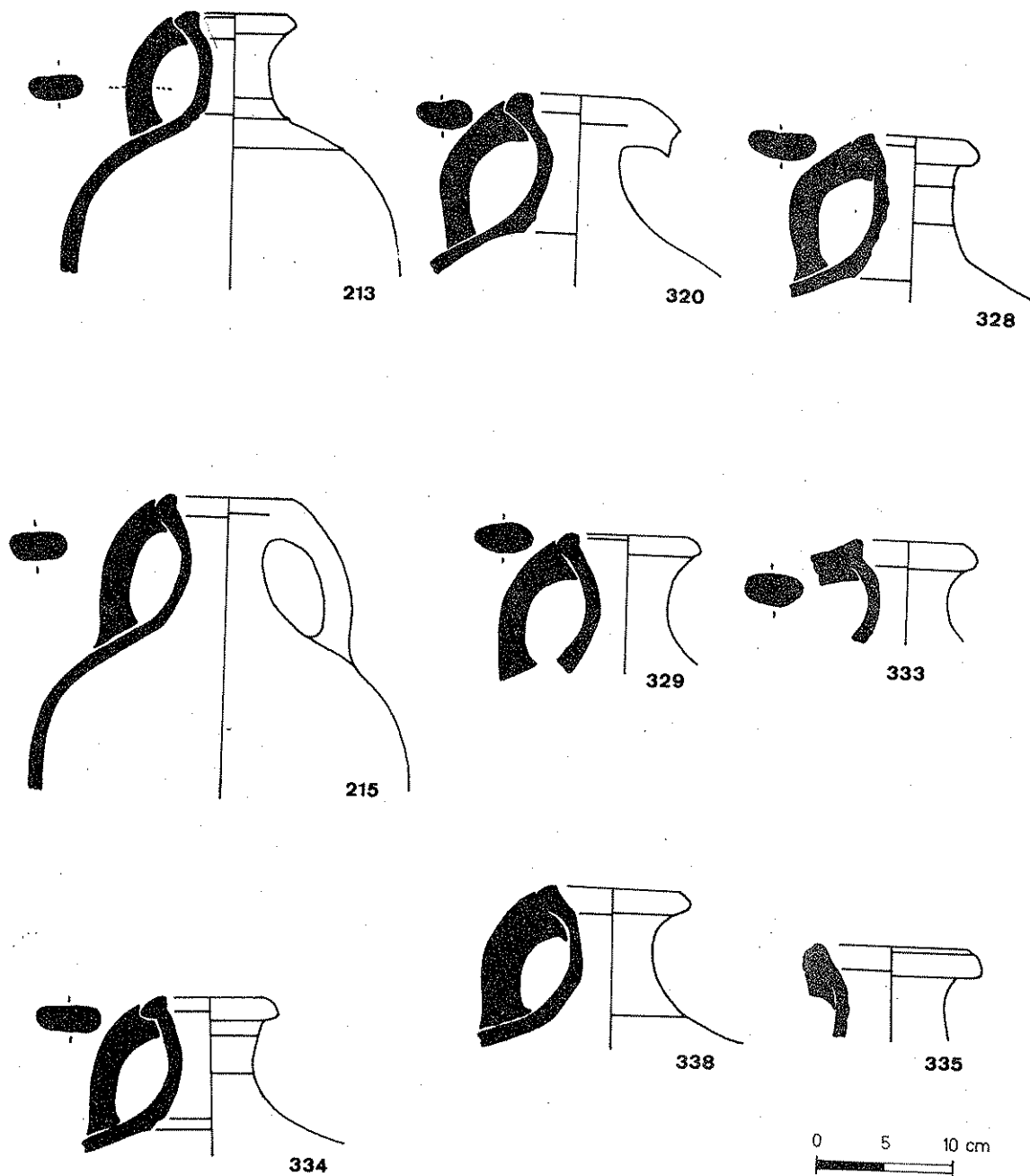


Fig. 61. — Fragmentos de ânforas (Classe 23) de fabrico local, exceptua-se o n.º 335.